

**Caminhos de Minas: experiências cartográficas através da paisagem de
Diamantina**

Caminos de Minas: experiencias cartográficas a través del paisaje de Diamantina

Patrícia Nogueira Alves

Graduanda, UFJF, Brasil.
patricia.nogueira@arquitetura.ufjf.br

Carolina Cardi Pifano

Mestranda, USP, Brasil.
carolinapifano@usp.br

Ana Aparecida Barbosa Pereira

Professor Doutora, UFJF, Brasil.
ana.pereira@ufjf.br

RESUMO

A paisagem, uma noção múltipla em sentidos e abordagens, pode ser apreendida e compartilhada por estratégias metodológicas de destaque do processo de percepção sensível dessa, como as práticas cartográficas. Toma-se a paisagem de Diamantina como objeto para um exercício cartográfico de narrativa textual. Este artigo objetiva abordar os estudos, produções e análises desenvolvidos na pesquisa de iniciação científica intitulada “Caminhos de Minas: experiências cartográficas através da paisagem de Diamantina”, tendo esta sido proposta pelo Laboratório da Paisagem da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (LAPASA - FAU/UFJF), em parceria com o Grupo de Educação Tutorial (GET) Arquitetura e Urbanismo. A pesquisa busca compreender a paisagem de Diamantina através da documentação textual e iconográfica de Lucio Costa sobre a viagem de estudos realizada em 1924 e criar categorias de análise sobre a narrativa paisagística estudada, além de produzir uma narrativa textual pautada na experiência da pesquisadora em viagem de estudo à cidade. Esta última relaciona os dois relatos mencionados com destaque para a dimensão sensível pesquisada.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem. Narrativa Textual. Diamantina.

RESUMEN

El paisaje, una múltiple noción en sentidos y abordajes, puede ser aprehendido y compartido por estrategias metodológicas de énfasis del proceso de percepción sensible de este, como las prácticas cartográficas. El paisaje de Diamantina es tomado como objeto para un ejercicio cartográfico de elaboración de una narración textual. Este artículo objetiva abordar los estudios, producciones y análisis desarrollados en la investigación de iniciación científica intitulada “Caminhos de Minas: experiencias cartográficas a través del paisaje de Diamantina”, que fue propuesta por el Laboratorio da Paisagem de la Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (LAPASA - FAU/UFJF), en colaboración con el Grupo de Educação Tutorial (GET) Arquitetura e Urbanismo. La investigación busca comprender el paisaje de Diamantina a través de la documentación textual e iconográfica de Lucio Costa sobre el viaje de estudio realizado en 1924 y crear categorías de análisis sobre la narrativa del paisaje estudiado, además de producir una narrativa textual a partir de la experiencia de la investigadora en viaje de estudio a la ciudad. Esta última relaciona los dos informes mencionados, destacando la dimensión sensible investigada.

PALABRAS-CLAVE: Paisaje. Narración textual. Diamantina.

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Diamantina, antigo Arraial do Tijuco, foi formada a partir do povoamento em torno dos locais de mineração, como muitas outras da rede urbana mineira do período colonial, consolidando-se com a descoberta de diamantes no território. A formação de seu conjunto urbano e arquitetônico foi intensamente influenciado pelas imposições administrativas da atividade diamantífera, sendo atualmente referência de testemunho da arquitetura e do urbanismo brasileiro do período. O Conjunto é tombado pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1938 e também reconhecido como patrimônio mundial pela Unesco em 1999 (GONÇALVES, 2010). A proteção e preservação deste conjunto faz com que a cidade de Diamantina seja objeto de viagens de estudos para jovens universitários, incluindo os estudantes de arquitetura e urbanismo, desde o início do século XX, com surgimento das Faculdades e Universidades no Brasil. O arquiteto e urbanista Lucio Costa, na época de estudante, viajou para Diamantina e com espírito investigativo lançou-se encantadoramente na cidade de Juscelino Kubitschek (o Nonô), a cidade da serenata.

Lucio Costa era estudante da Escola Nacional de Belas Artes e foi enviado à Diamantina em 1924, em um contexto em que se buscava um estilo nacional no Brasil, tendo por pauta o estudo da arquitetura colonial como uma origem. Sua viagem foi financiada por José Mariano Filho, este fazia parte da corrente carioca partidária do Neocolonial e financiou também outros estudantes para que fizessem viagens de estudo em prol do uso do vocabulário colonial, documentando detalhes encontrados para a definição da arquitetura considerada verdadeiramente brasileira.

O então estudante Lucio Costa foi escolhido para ir para Diamantina por ser jovem, visto que era um longo e cansativo deslocamento partindo do Rio de Janeiro. Chegando na cidade, o impacto causado foi de deslumbramento, visto que o próprio escreve como “uma revelação” (COSTA, 1997). A fim de documentar graficamente suas observações, Lucio Costa elaborou uma série de desenhos técnicos, especialmente, sobre detalhes construtivos, por exemplo de beirais e de fechaduras. Além disso, produziu três aquarelas em pura expressão artística e de sentimentos eloquentes.

Porém, tais desenhos não foram divulgados por José Mariano Filho na época, de forma que o compartilhamento da experiência da viagem de estudos se deu inicialmente de forma textual, como no depoimento relatado pelo estudante Lucio Costa ao jornal “A Noite” em 1924, mesmo ano em que havia viajado. Posteriormente, ao escrever a obra intitulada “Registro de uma vivência”, publicada originalmente no ano de 1995, o arquiteto, novamente, recorre à narrativa textual, dedicando um capítulo para descrever sua experiência na cidade de Diamantina. Este último foi utilizado como fonte para a análise e para o exercício de leitura da paisagem enquanto percurso metodológico desta pesquisa.

2 OBJETIVOS

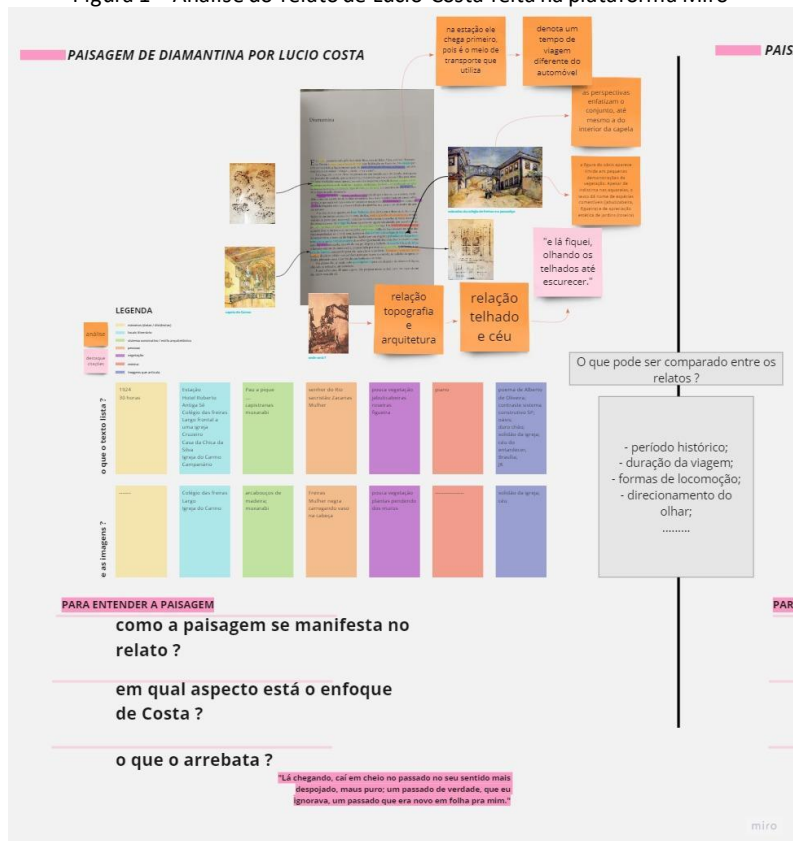
Esta pesquisa compreende a paisagem como uma manifestação mental individual ou coletiva pautada na experiência de atravessá-la e ser atravessada. E o caminhar como não só a ação física de deslocamento no espaço, mas como um acionamento sensível à experiência de paisagem. Dito isso, buscou-se compreender a paisagem de Diamantina manifestada em registro textual e iconográfico elaborado por Lucio Costa a partir de sua viagem de estudos realizada em 1924, analisando seu relato descritivo através de categorias de análise (tais como

números, incluindo datas e distâncias; locais; sistemas construtivos/ estilos arquitetônicos; pessoas; vegetação; música; imagens que articula). Contempla ainda a produção cartográfica da paisagem de Diamantina percebida pelo fruidor em viagem de estudo, com destaque para a dimensão sensível da paisagem expressada na narrativa textual, a qual coloca em diálogo os dois registros de viagem de estudo ao antigo Arraial do Tejuco. Diante disso, este trabalho abordará a metodologia e o referencial teórico utilizado na pesquisa, bem como considerações finais e resultados obtidos.

3 METODOLOGIA

O desenvolvimento desta pesquisa se organizou em três momentos de estudos, sobretudo, a partir da leitura de fontes secundárias, cartográficas e iconográficas, estruturados em (i) compreensão da formação da rede urbana mineira setecentista (FONSECA, 2011); (ii) estudos sobre a noção de paisagem e de estratégias de representação da experiência paisagística (BESSE, 2014; CAUQUELIN, 2007; SPERLING, 2016; MESQUITA, 2021) e (iii) análise do relato de Lucio Costa sobre Diamantina (COSTA, 1997) (Figura 1) com a produção de narrativa textual relatando a experiência de viagem de estudo da pesquisadora (ver seção 4).

Figura 1 – Análise do relato de Lucio Costa feita na plataforma Miro



Fonte: Autoras, 2022.

A partir do referencial teórico estudado como base para o desenvolvimento da pesquisa, o foco do estudo voltou-se para os relatos do arquiteto e urbanista Lucio Costa sobre sua viagem de estudos à Diamantina em 1924. Foi realizada uma leitura sensível e cuidadosa, analisando e interpretando a paisagem por ele retratada em seu livro "Registro de uma Vivência", além do estudo de artigos que abordam o percurso feito por ele, seus desenhos e

escolhas do que representar, e a importância desta viagem na sua atuação profissional por autores diversos. Esta análise se pautou muito na compreensão das imagens trazidas pelo autor a partir do seu relato, possibilitando a criação de uma imagem mental da paisagem da cidade vivenciada por Lucio Costa.

Diante disso, a pesquisadora da graduação fez uma viagem à cidade de Diamantina (Figura 2), a fim de ter sua própria experiência pela paisagem da cidade, e assim desenvolver sua própria narrativa textual, a qual foi relacionada com a de Lucio Costa, entendendo os diálogos construídos e a articulação destes estudantes na cartografia em quase 100 anos de distância no tempo.

Figura 2 – Vista panorâmica de Diamantina (MG), (indique quais são os pontos/locais) vê se ao alto a Igreja XXXX



Fonte: Prefeitura de Diamantina.
Disponível em: diamantina.mg.gov

Pode-se compreender os procedimentos metodológicos em cinco momentos sintetizados na Tabela 1. Houve, primeiramente, uma dedicação à compreensão da formação da rede urbana de Minas Gerais no período colonial, com ênfase na cidade de Diamantina, a fim de compreender o conjunto urbano existente segundo sua história, conforme Claudia Damasceno Fonseca em sua obra “Arraiais e Vilas del Rei” (2011). A autora explora a constelação urbana do território mineiro pela sobreposição das redes hidrográficas e administrativas, no que diz respeito tanto ao poder eclesiástico e quanto ao poder civil impostas às estruturas fundiárias e fronteiras municipais jurídicas e econômicas no período colonial.

Tabela 1 - Síntese da metodologia adotada

ESTUDOS	1	Formação da rede urbana mineira setecentista
	2	Noções de paisagem e estratégias de representação
	3	Relato de Lucio Costa
PRODUÇÃO	4	Experimentação a partir de viagem de estudos
	5	Elaboração da cartografia textual

Fonte: Autoras, 2023.

A noção de constelação urbana visa compreender o território mineiro como sistema organizado por hierarquias urbanas. De uma organização julgada como homogênea, o sertão

colonizado passa a ter centros de poder diferenciados em cidades, vilas, povoações-sede de julgados e de freguesias. Para além da concessão de títulos, cada um designa uma forma de definição do espaço de jurisdição das localidades, no qual são refletidas as lutas de poder locais e institucionais mobilizadas no curso do processo de formação dos povoamentos do século XVIII.

Considerar as vilas setecentistas mineiras do ponto de vista da constelação urbana, como elucida Fonseca (2011), parte do esforço de compreendê-las como totalidade territorial. Reconhecimento do que está em jogo nas minas setecentistas para além de perspectiva parcial ou até mesmo cênica de certos monumentos arquitetônicos retirados da dimensão territorial envolvida.

Raros são aqueles que, ao percorrer, nos dias de hoje, os pequenos 'centros históricos' de Mariana e de São José del-Rei (Tiradentes), sabem que estas pequeninas localidades foram outrora poderosas, na medida em que comandavam territórios que correspondem a algumas dezenas ou mesmo uma centena de municípios atuais (FONSECA, 2011, p.570).

A Demarcação Diamantina, localizada na comarca¹ do Serro Frio e criada em 1734, propunha um sistema de administração da justiça e de regras particulares devido às jazidas de diamantes com a intenção de evitar formas de contrabando da pedra preciosa. O Arraial do Tijucu foi escolhido para ser a sede da Demarcação Diamantina, enfraquecendo o poder municipal da câmara da Vila do Príncipe que era a sede administrativa da comarca ("cabeça" de comarca) do Serro Frio.

O que importa para o presente estudo é o entendimento de que a paisagem de Diamantina, por mais especial que se mostre em relação à seus atributos geográficos, como a Serra dos Cristais, ou seus atributos arquitetônicos diferenciados em comparação a outros arraiais coloniais do período, foi produzida por uma lógica de "constelação", como aquela apresentada anteriormente, que essencialmente se traduz na forma urbana. Não mais tão visível ou compreensível atualmente em decorrência da alteração das maneiras de administração e jurisdição das municipalidades ou mesmo da transformação urbana. Percorrer as ruas do antigo Arraial do Tejuco, é também perscrutar uma lógica das hierarquias e rivalidades de poder em dimensão territorial espacializadas na forma urbana local.

Além disso, recorrer à imagem de constelação para dar medida em termos tanto de quantidade - centenas de localidades mineradoras - quanto de hierarquização por agrupamento - circunscrições administrativas civis e eclesiásticas - para se referir à formação do território mineiro, implica não só a identificação de pontos nodais (cidades, vilas, arraiais), mas, principalmente, a existência de conexões de variados graus de complexidade, a dizer conexões físicas ou legislativas que se dão a depender da escala de análise.

Importa, agora, direcionar o olhar para essas conexões físicas, bases para a sustentação e o funcionamento da rede urbana. Fonseca (2011) elabora as cartografias de seu livro colocando como pano de fundo os corpos d'água e, apesar, de não representar os caminhos coloniais - por serem muitos e mutáveis, uma descontinuidade programa fruto direto dos interesses metropolitanos ou efêmera em virtude aos insucessos da busca por metais preciosos - a marcação dos núcleos mineradores ou agrícolas (contempladas também em sua obra) indica a existência de rotas pelas quais diferentes regiões eram interligadas, principalmente em termos materiais, por exemplo, comércio de muares e o transporte de metais preciosos.

¹ Circunscrição administrativa aglutinadora de um conjunto de núcleos mineradores

Na escala do território, estes caminhos alteraram-se juntamente com as formas de produção do espaço urbano e de propriedade das estruturas fundiárias, comprometendo a afirmação de fidelidade do traçado dessa referência anterior e muitas das vezes ancestral, a qual é frequentemente objeto de estudo da arqueologia². É importante considerar que estes caminhos eram rastros da passagem dos seres humanos e suas cargas no chão.

Já na escala das vilas e arraiais, essa referência persiste, pois a arquitetura dá forma ao traçado dos caminhos. A hipótese levantada pela pesquisa é a possibilidade de acesso à memória da totalidade territorial mineira setecentista através de percurso elaborado situado em paisagem urbana histórica, no caso do estudo, aquele recorte espacial do antigo Arraial do Tejuco e a representação sensível da mesma.

No segundo momento, foram realizados estudos sobre a noção de paisagem, entendendo seu caráter polissêmico, atribuindo enfoque para a paisagem do caminhar e para a possibilidade de compartilhamento sensível da fruição paisagística. A principal referência nestes estudos de paisagem e de conhecimento da cartografia aqui abordada foi o filósofo Jean-Marc Besse (2014). Foi necessário contemplar estudos acerca de estratégias cartográficas, desconstruindo rígidos conceitos sobre o que vem a ser uma cartografia e como produzi-la, levando em consideração aspectos sensíveis e amplitude de possibilidades de fazer e compreender, a partir das contribuições de autores como David Sperling (2016) e André Mesquita (2021).

No que concerne ao estudo da noção de paisagem observa-se a amplitude de significados envolvidos, podendo ser compreendida para além dos atributos físicos e biológicos, incluindo questões afetivas, de memória e de todos os sentidos do corpo. Dessa forma, para a pesquisa entende-se como fundamental a inserção do corpo para a fruição da experiência paisagística. Leva-se especialmente em consideração o conceito de Besse (2014) sobre paisagem enquanto realidade mental, identificado na primeira porta de cinco³ em sua obra “O Gosto do Mundo: exercícios de paisagem”.

Nesse sentido, a paisagem é realidade cultural e social “relativa ao que os homens pensam dela, ao que percebem dela e o que dizem dela” (BESSE, 2014, p. 12). Com isso, um fruidor que insere seu corpo na paisagem terá sua própria percepção, criando uma realidade em sua mente que pode ser compartilhada de diversas formas, desde a produção de desenhos até a narrativa textual. Como indicado na obra “Nós Somos a Paisagem: Como interpretar a Convenção Europeia da Paisagem”, “o nosso estado de espírito também pode influenciar a imagem que formamos de um lugar, e isto é o que chamamos de *percepção*”, compreendida a partir dos sentidos e tendo as emoções como estímulo (MAIO et al., 2011, p.3). Portanto, as duas obras referenciadas definem o entendimento de paisagem empregado para este trabalho, que está intimamente ligada à presença de alguém que a observa e sente, ou seja, um fruidor que a percebe.

A partir de Besse (2014), construiu-se um percurso reflexivo pautado na interpretação da paisagem como representação cultural e social. Onde a concepção de narrativa textual enquanto estratégia de compartilhamento do sensível, possibilidade de fazer cartográfico, e a análise dos registros de Lucio Costa de 1924 são, nesse sentido, compreendidos como paisagem.

² ver, por exemplo, Caminho Novo: à longa duração de Renato Pinto Venancio (1999).

³ Besse (2014) ao discorrer sobre a problemática paisagística contemporânea, vista as múltiplas possibilidades de entrada para a questão da paisagem, estabelece cinco portas, ou seja, cinco perspectivas epistemológicas sobre a noção. Elas são: “A paisagem é uma representação cultural e social”, “A paisagem é um território fabricado e habitado”, “A paisagem e o meio ambiente material e vivo das sociedades humanas”, “A paisagem é uma experiência fenomenológica” e “A paisagem como projeto”.

A partir de tais estudos, foi possível ainda orientar o exercício de leitura da paisagem em uma viagem de estudos em 2022 realizada pela pesquisadora, quase um século depois de Lucio Costa. Nessa viagem de estudo, o objetivo foi deixar-se experimentar a paisagem diamantina a partir do percurso, resultando em uma narrativa textual a ser relacionada com a de Lucio Costa, a fim de estabelecer um diálogo entre a percepção de paisagem relatada por ambos, em condição de estudantes de arquitetura e urbanismo, e em faixa etária correlata.

Sobre o compartilhamento da paisagem percebida pela experiência do percurso, há múltiplas estratégias. Uma pintura pode exprimir tal percepção, sendo esta representação pictórica um intermediário que “faz ver de maneira sensível, mostra, exhibe, exalta essa preeminência e anterioridade” da paisagem (CAUQUELIN, 2007, p. 39,40). Outra estratégia se refere à textualidade, visto que o compartilhamento de uma experiência através das palavras pode levar à criação de novas realidades mentais de uma mesma paisagem. Estas representações podem ser consideradas uma produção cartográfica, considerando “o mapa como uma expressão iconográfica da vida mental da humanidade” (BESSE, 2014, p. 144).

Atualmente, há uma abertura para múltiplas leituras da prática cartográfica, não limitando à ideia de que mapas são objetivos, neutros, espelhos da realidade, mas compreendidos em diversos campos para a apreensão das espacialidades (SPERLING, 2016). Assim, uma narrativa textual registrando uma experiência pode ser concebida e analisada como uma cartografia. Esta interpretação da prática cartográfica é encontrada já na década de 1960, visto que artistas da land art tinham interesse por este tema, a partir de um questionamento da arte e das relações com a realidade e da percepção da experiência (BESSE, 2014, p. 141). Neste sentido, o mapa hoje pode ser encarado como um trabalho artístico que pode ser colocado a serviço da arte ou servir a uma interrogação sobre a arte.

Considerando a polissemia da paisagem e a amplitude de possibilidades da prática e leitura cartográfica, o relato de Lucio Costa em seu livro “Registro de uma vivência” pode ser lido, analisado e interpretado como uma cartografia da paisagem de Diamantina. O arquiteto inicia com dados numéricos relativos a quando (1924) e quanto tempo (“trinta e tantas horas”) se deu o percurso da viagem. Ele elenca também os locais perpassados, como a sua chegada na estação, sua estadia no Hotel Roberto, e o momento em que vê obras arquitetônicas como a casa da Chica da Silva e a Igreja do Carmo.

Há descrições que evidenciam o olhar do estudante de arquitetura e urbanismo atento aos detalhes da “arquitetura colonial” que fora enviado para analisar, destacando aspectos construtivos, como o emprego do pau-a-pique, inclusive estabelecendo um comparativo com o domínio da taipa de mão, em contraste com a taipa de pilão em São Paulo. Observou também a pouca existência de vegetação, apontando como possível causa o emprego dessa matéria-prima nas obras arquitetônicas existentes.

Ainda, observa-se uma atenção para com as pessoas, que também são elementos constitutivos da paisagem. Tendo avistado um senhor que conhecia de vista do Rio de Janeiro, Lucio Costa observa o que ele relataria anos depois com relação à aparência, vestimenta, postura e ação desse indivíduo, mostrando a múltipla visão do arquiteto e urbanista para além da observação de edificações e morfologia urbana. É possível observar a presença da paisagem sonora, com a menção do som de um piano. O arquiteto se posiciona criticamente com relação à paisagem que se mostra a ele, resgatando sua memória de quando observou a antiga Sé e lamentando sua substituição pela atual Catedral, descrita por ele como uma “pesada igreja pseudo-barroca de feição mais bávara do que ouro-pretana” (COSTA, 1997, p. 27). Por fim,

evidencia suas escolhas dentre todas as possibilidades que tinha para compartilhar, como por pintar uma aquarela do interior da Igreja do Carmo e por se despedir da cidade por subir ao campanário para olhar os telhados.

Esta leitura do capítulo “Diamantina” do livro “Registro de uma vivência” possibilita a apreensão pelo leitor da paisagem percebida por Lucio Costa. O arquiteto resgata suas memórias da viagem feita enquanto estudante em 1924, e apresenta suas escolhas. A escolha do que observou, escolha do que compartilhou e de como o fez. Ao longo da narrativa textual, é perceptível a quantidade de imagens trazidas por ele que colocou em palavras a paisagem percebida, dando a oportunidade ao leitor de apreendê-la e criar sua própria imagem mental. Este processo se dá como na produção cartográfica tradicional, em que o autor se posiciona nas escolhas do que representar e como fazê-lo, e o leitor tem a possibilidade de fazer a sua interpretação, se posicionar e questionar.

Lucio Costa afirma que a viagem à Diamantina mudou sua vida, e o estudo de seu relato permite compreender a apreensão da paisagem a partir da experiência como de extrema importância na formação do arquiteto e urbanista. Sua experiência resultou na brusca mudança de postura, visto que ele foi em busca de uma “receita” para o estilo neocolonial como forma de criar uma arquitetura verdadeiramente nacional, e acabou se convertendo a um crítico assíduo com convicções vanguardistas. Seu posicionamento crítico perante a paisagem fez com que ele tivesse uma interpretação própria, não buscando copiar a arquitetura de Diamantina, mas sim se inspirar na pureza e na sinceridade de suas construções (REGIANI, FRAJNDLICH, 2019).

Este estudo do relato de Lucio Costa com todo embasamento do conceito de paisagem e de práticas cartográficas possibilitou, além da análise e compreensão da paisagem por ele apresentada, a realização de uma cartografia com modelo semelhante, produzida pela pesquisadora. A realização da cartografia teve início com a vivência da pesquisadora, de percorrer a cidade, experienciá-la e observar a paisagem. A partir disso, ocorreu a produção textual pautada nas memórias e nos registros feitos ao longo dos percursos - Lucio Costa produziu aquarelas e desenhos técnicos, a pesquisadora usou como recurso a fotografia. A escrita foi direcionada pelo emprego de palavras que levem o leitor a criar uma imagem mental pelo exercício imaginativo, sendo, portanto, um texto de caráter descritivo e sensível.

4 RESULTADOS

A cidade de Diamantina foi utilizada como locus do exercício cartográfico, tendo por recorte espacial o percurso de Lucio Costa e o da pesquisadora, buscando compreender a paisagem, bem como sua apreensão e cartografia. Os estudos desenvolvidos permitiram a compreensão do conceito da paisagem através da “primeira porta” de Besse (2014) e das possibilidades de produção cartográfica, no caso de uma narrativa textual, a qual culmina na interpretação do relato da experiência de Lucio Costa como cartografia de paisagem e na produção de uma cartografia pela pesquisadora. Abaixo, lê-se a cartografia produzida ao longo desta pesquisa com base na viagem de estudos feita pela pesquisadora em 2022.

Registro da minha vivência

Viajar doze horas de ônibus de Juiz de Fora a Diamantina é cansativo, mas ao mesmo tempo rico. Percorrer trechos do Caminho Novo e do Caminho dos Diamantes propicia uma

riqueza de paisagens, mesmo diante da velocidade imposta pelo veículo, que faz com que não dê para reparar em detalhes. Apenas naqueles capturados em foto. Uma paisagem rochosa e com vegetação rasteira anuncia que Diamantina está cada vez mais próxima (Figura 3). Até, de fato, chegar na cidade.

Figura 3 – Proximidades de Diamantina



Fonte: Patrícia Nogueira, 2022

A primeira imagem da cidade é uma Estação de Trem, interdita por estar em obras, e que atualmente funciona o corpo de bombeiros, com a Basílica do Sagrado Coração de Jesus ao fundo, chamando atenção com suas altas torres. Começando a anoitecer, a experiência de caminhar pela cidade foi difícil. Com a pressa de chegar na pousada onde a responsável já estava esperando, não saber o trajeto, o cansaço da viagem e o peso das malas tiraram o foco de qualquer observação do entorno. Apenas o chão era impossível de ignorar, parecendo mais íngreme do que de fato é, e com pedras que tornavam impossível arrastar as malas.

Poucos minutos depois, sem pesos, sem cansaço, sem pressa e sem um lugar determinado para onde ir, a caminhada, embora quase a mesma, é totalmente outra. Com quase nenhum veículo nas ruas, o espaço do pedestre não fica restrito às calçadas, e este pertencimento do todo é sentido até pelas pedras parecerem as mesmas por todo chão em alguns trechos, sem barreiras visuais que fazem o pedestre sentir que está invadindo um espaço que não o pertence. O som de um quinteto de sopro ecoando pelas ruas trazia uma atmosfera ainda mais acolhedora, convidando o caminhar para uma direção, que culmina no Beco do Mota. A música que parecia uma feliz coincidência para quem estava na cidade a visita, na verdade parece mais comum ainda em Diamantina: diversos lugares que possuíam mural de avisos divulgavam concertos que estavam para ocorrer, há uma bela escola de música recém-reformada devido a um incêndio no seu interior, além de que, quando tivemos a oportunidade de entrar na Igreja do Rosário, foi por estar aberta para passagem de som de uma equipe.

Mesmo sem a claridade proporcionada pela luz solar, lá para as 22 horas da noite, já era facilmente perceptível o contraste nas cores das casas, com paredes brancas e esquadrias

coloridas, além dos telhados alaranjados (Figura 4). O contorno das residências ao olhar para o céu, devido ao gabarito baixo, proporcionava uma visão ampla, contando inclusive com estrelas, raras de se ver em cidades grandes, como Juiz de Fora, devido à grande quantidade de luzes artificiais ligadas.

Figura 4 - Rua de do Carmo durante a noite



Fonte: Patrícia Nogueira, 2022

Já de dia, vê-se com clareza as edificações, mesmo as mais distantes, com fachadas brancas ornadas de cores vibrantes, tanto nas residências quanto nas igrejas (Figura 5). O amplo céu azul, com algumas nuvens brancas, dialoga com as construções brancas com partes azuis, com o laranja se destacando no topo: quer seja o sol, quer seja os telhados. E o convite deste céu a olhar para cima, resulta também na oportunidade de apreciar os beirais das edificações, pequenos, muitas vezes discretos, mas ricos em detalhes, delicados e predominantemente bem conservados.

Figura 5 - Rua Praça Barão Guaicui



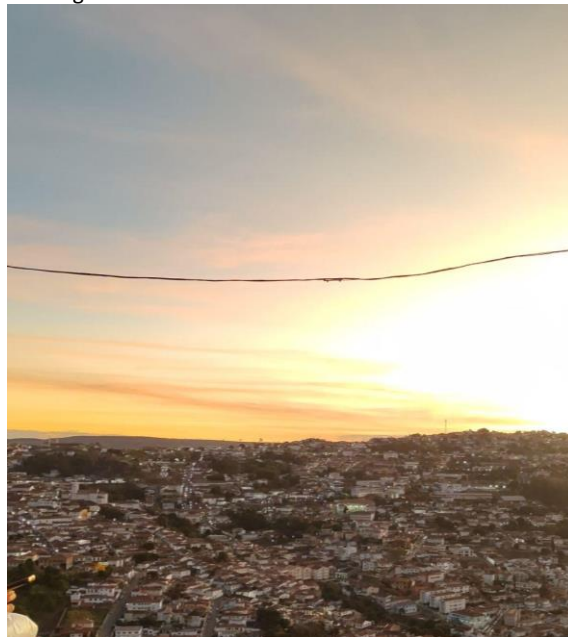
Fonte: Patrícia Nogueira, 2022

No Mercado Municipal, tem ocorrido um incentivo para que comerciantes continuem montando suas bancas de vendas, como forma de manter o uso original da estrutura desde o período colonial. Estar neste lugar vazio impulsiona a um automático exercício mental de imaginar como se deu e como se dá as relações comerciais ali. Mas a apropriação do espaço vai além dos fins que a construção objetivava: certa noite, ocorria ali um forró, mais uma vez a música tomando lugar nesta cidade, e atraindo uma grande quantidade de pessoas.

Foram dois os momentos de estranhamento ao observar a paisagem. O primeiro se refere a Catedral Metropolitana de Diamantina, construída por volta de 1940 onde um dia fora a Igreja Matriz de Santo Antônio. Sua volumetria, tamanho e cores contrastam com a paisagem, chamando atenção mesmo à distância. Um segundo momento se dá no percurso para chegar na Casa da Glória, visto que há diversas edificações modernas, inclusive a Faculdade de Odontologia, sendo um trecho inesperado depois de percorrer tantas outras ruas de Diamantina.

Depois de muito caminhar pela cidade e conhecê-la de perto, foi possível observar o todo a partir do Cruzeiro (Figura 6). Um território repleto de edificações brancas com seus telhados alaranjados e árvores espalhadas. Depois, à medida que o sol ia se pondo, o céu azul e branco também ganhava seu tom alaranjado, e aos poucos as luzes dos postes da cidade se acendiam, para depois os pontos de luz do céu também aparecerem.

Figura 6 - Por do Sol visto do Cruzeiro da Serra



Fonte: Patrícia Nogueira, 2022

5 CONCLUSÃO

O percurso da pesquisa iniciado pela noção de constelação urbana do território mineiro setecentista, mais a passagem para o entendimento de paisagem como representação do pensamento, da percepção e daquilo que é compartilhado pela fala ou pela escrita, reúnem-se no exercício cartográfico que toma a forma de narrativa textual.

O registro de Lucio Costa sobre Diamantina resgata suas memórias de estudante e apresenta suas escolhas do que registrar e compartilhar de sua leitura da paisagem. É

perceptível a quantidade de imagens reunidas em palavras sobre a paisagem percebida, dando a oportunidade ao leitor de apreendê-la e criar sua própria imagem mental.

A análise do relato de Lucio Costa se deu em um primeiro momento com a identificação e a criação de categorias (números; locais; sistemas construtivos/ estilos arquitetônicos; pessoas; vegetação; música; imagens que articula) para se entender o que e como foi representado de sua experiência em viagem de estudo. É interessante observar que o registro da vivência se inicia com a partida de Lucio Costa de seu local de origem, mas não com a chegada a Diamantina. Na perspectiva de olhar para a paisagem através do caminhar, percebe-se que a narrativa se constrói através do processo de deslocamento. Pode-se pensar esse deslocamento como físico (transportar uma distância entre um ponto ao outro) ou subjetivo (aquilo que é próprio do ser afetado por algo, e aqui, ser afetado pela paisagem).

Assim como no texto de Lucio Costa, buscou-se apresentar imagens que possibilitam que a imaginação do leitor crie essa realidade em sua mente, apreendendo a paisagem relatada. Colocando em relação esses dois relatos distantes no tempo em quase 100 anos, observa-se como a experiência de uma estudante de arquitetura e urbanismo lança questões que contribuem para pensar a paisagem a partir do deslocamento, daquilo que está sendo construído em movimento com a afetação do lugar.

Com base nestes estudos e na cartografia produzida na pesquisa, foi realizada uma oficina no 3º Seminário Científico do GET Arquitetura e Urbanismo, dia 15 de dezembro de 2022. Esta oficina se tratou de um exercício de leitura de paisagem a partir de cartografia textual, a fim de compartilhar com o público interessado, cujo público alvo são os estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, os estudos desenvolvidos, bem como a análise e aprendizagem com o relato de Lucio Costa. Pretendeu-se difundir a discussão do que é paisagem, do que são estratégias cartográficas e a importância da experiência e de seu compartilhamento para a formação do arquiteto e urbanista. Bem como, apresentar a percepção da paisagem de Diamantina tida e registrada nestes dois exemplos. As contribuições da oficina mencionada estão na condição de próximos passos da pesquisa.

6 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BARTALINI, Vladimir. **Paisagens surgentes**. 2018. Tese (Livre Docência em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Capítulo 1, p. 21-57. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/16/tde-05042019-142108/pt-br.php>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo, exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro, Eduerj, 2014, p. 11-66.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013

CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar**. São Paulo: GG Gustavo Gilli, 2017.

Carta da Paisagem das Américas. IFLA AMÉRICAS. Tradução para o português de Lúcia Veras e Luciana Schenk. Cidade do México, 2018.

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COSTA, Lucio. **Lucio Costa: registro de uma vivência**. 2a. ed São Paulo, SP: Empresa das Artes, 1997.

FONSECA, Cláudia Damasceno. **Arraiais e Vilas del Rei: Espaço e Poder Nas Minas Setecentistas**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

GONÇALVES, Cristiane Souza. **Experimentações em Diamantina. Um estudo sobre a atuação do SPHAN no conjunto urbano tombado 1838-1967.** Tese de Doutorado – FAUUSP, São Paulo: 2010.

MAIO, Sara Di; Berengo Cecília; PRIORE, Ricardo; GALLÀ, Damiano. **Nós somos a paisagem. Como interpretar a Convenção Européia da Paisagem.** Tradução de MAPa2012. Issuu, 2011, p.39.

MESQUITA, A. **Sobre mapas e segredos abertos.** PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, [S. l.], p. 116–137, 2012. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15449>. Acesso em: 7 out. 2021.

REGIANI, Luana Espig. **O percurso de Lucio Costa em Diamantina.** ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História do Rio de Janeiro/RJ, 2021. Disponível em:
https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628276215_ARQUIVO_15040a1874be2b7ded37cf355511b69b.pdf. Acesso em: 14 jan. 2022

SOUZA GONÇALVES, C. . **Diamantina: breverelato de sua formação.** arq.urb, [S. l.], n. 8, p. 38–59, 2012. Disponível em:
<https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/336>. Acesso em: 08 abr. 2022

SPERLING, D. M. **Você (Não) Está Aqui: Convergências no Campo Ampliado das Práticas Cartográficas.** Indisciplinar, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 77–92, 2016. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/32766>. Acesso em: 7 out. 2021.